

KAT ZHANG



UM
DIA
EXISTIMOS

AS CRÔNICAS HÍBRIDAS
Vol. 2

Um Dia Existimos

Once we were

Série As crônicas híbridas

Kat Zhang

Uma trama distópica, passada num futuro onde híbridos — pessoas com duas almas habitando o mesmo corpo — são uma possibilidade. Considerados instáveis e perigosos, os híbridos foram perseguidos e eliminados das Américas. As fugitivas irmãs Addie e Eva encontram abrigo com um grupo de híbridos que coordenam um movimento de resistência. Apesar dos conflitos envolvidos em dividir um corpo, ambas estão animadas para se juntar à revolução. Com o envolvimento, entretanto, surgem as dúvidas: até que ponto Addie e Eva estão dispostas a usar da violência em nome dessa causa?

*Para Dechan, que pode não ser minha irmã de sangue,
mas é minha irmã de alma.*

Prólogo

Compartilhamos um coração, Addie e eu. Temos o mesmo par de mãos. Habitamos os mesmos membros. Naquele dia quente de junho, pouco depois de escapar da clínica Nornand, vimos o mar pela primeira vez através de olhos compartilhados. O vento fez nosso cabelo bater contra nossas bochechas. A areia grudou em nossa pele encharcada de sal, bronzeando nossas pernas brancas.

Vivemos aquele dia como temos vivido os últimos 15 anos. Como Addie e Eva, Eva e Addie. Duas almas compartilhando um corpo. Híbridas.

Mas o problema é que compartilhar mãos não significa compartilhar objetivos. Compartilhar olhos não significa compartilhar pontos de vista. E compartilhar um coração não significa compartilhar as coisas que amamos.

Eis algumas das coisas que eu amava:

O choque frio do mar quando eu ficava imensa até a cintura na água, pulando a crista de cada onda que vinha. O som da risada de Kitty quando eu lhe fazia cócegas. A alegria ofegante de Hally dançando. O jeito que Ryan sorria quando eu me virava para olhá-lo e ele já estava olhando para mim.

Addie também gostava dessas coisas, mas não as apreciava do mesmo jeito que eu: *desesperadamente*. Porque eu não deveria tê-las experimentado. Milhões de almas recessivas nunca chegavam aos 5 anos, muito menos aos 15.0 mundo era assim, ou pelo menos era o que Addie e eu havíamos aprendido. Duas almas nasciam em cada corpo. Uma era geneticamente marcada para desaparecer.

Eu tinha sorte em muitos sentidos.

Dizia isso a mim mesma toda manhã quando abríamos nossos olhos, e toda noite quando íamos dormir.

Sou sortuda. Muito sortuda.

Eu estava viva. Era, de certa forma, livre. Em um país onde híbridos eram proibidos e presos, Addie e eu tínhamos escapado. E eu...

Eu podia me mover e falar outra vez. Eu, que desde a infância sabia que era a alma recessiva, destinada a desvanecer. Que meus pais sofreriam em silêncio, rapidamente, depois seguiriam em frente. Que diriam a si mesmos que o mundo era assim, que as coisas sempre tinham sido assim, e quem eram eles para questionar o propósito da natureza?

Crianças deviam se desfazer das almas recessivas, deixando-as para trás do mesmo modo que um dia descartariam os dentes de leite. Apenas mais um passo na jornada para se tornar adultas.

A alternativa de nunca se definir, de manter ambas as almas, significava ficar preso no caos da eterna infância, nunca obter a mente estável e racional de um adulto em quem se podia confiar para controlar o próprio corpo. Como um híbrido poderia se encaixar na sociedade? Como ia se casar? Como conseguiria trabalhar, com duas almas desejando seguir em duas direções diferentes? Ser híbrido era ser instável para sempre, dividido para sempre.

Eu tinha 12 anos, dois anos a mais que o prazo imposto pelo governo, quando sucumbi à maldição escrita em meus genes. Mas até naquela época tive sorte. Perdi o controle de meu corpo, deixando Addie no comando de nossos membros, mas nunca desapareci completamente.

Era melhor que morrer.

— Você está bem, Addie? — perguntava minha mãe naquelas primeiras semanas em que fui declarada morta. Ela falava como se as palavras beliscassem seus lábios ao sair, como se não quisesse reconhecer o fato de que Addie podia não estar bem. Addie deveria ter sido normal.

— Estou bem — dizia Addie, mesmo quando eu gritava sem parar em sua cabeça, mesmo quando ela me abraçava enquanto sorria para nossos pais, dizendo-me que sentia muito, implorando-me para ficar tão *bem* quando ela supostamente estava.

Foram Hally e Ryan Mullan que me libertaram da prisão de meus próprios ossos. Onde eu estaria se Hally não tivesse convencido Addie a ir para casa com ela naquela tarde? Ainda paralisada. Ainda sozinha. Não completamente, porque sempre teria Addie, mas... sozinha em todos os outros sentidos da palavra.

Estaríamos em casa, disse Addie, quando lhe sussurrei a pergunta. As palavras flutuaram entre nossas mentes entrelaçadas, onde ninguém podia ouvir. *O Sr. Conivent não teria nos levado para a Nornand. Não estaríamos aqui.*

Ali em Anchoit, aquela luminosa cidade perto do mar oeste, sentindo o cheiro de sal que as ondas jogavam no ar.

Então foi minha vez de pedir desculpas. Porque Addie estava certa. Se Hally não tivesse... se eu não houvesse convencido Addie a ir à casa dos Mullan, a tomar o remédio, a dar o primeiro passo para longe da normalidade, ainda estaríamos em casa. Não estaríamos fora de perigo (como híbridas, nunca poderíamos relaxar de verdade), mas um pouco mais seguras. Iríamos à escola, assistiríamos a filmes e daríamos risada de nosso irmão mais novo quando ele fizesse palhaçadas na cozinha.

Não peça desculpas, Eva. Não foi o que eu quis dizer. Eu..., hesitou ela, com os olhos fixos no teto daquele novo apartamento estranho. Nosso novo esconderijo. *Eu nunca teria conseguido deixar você viver assim. Não sabendo que existia outra forma. E saímos da Nornand. Vamos ficar bem.*

Não como as outras crianças que haviam percorrido os corredores daquele hospital. Como Jaime Cortae, cuja outra alma fora eliminada por um bisturi.

Addie e eu tínhamos sido sortudas.

Talvez, se continuássemos com sorte, nunca mais precisássemos ver o Sr. Conivent, com suas camisas de botão bem--passadas. Nunca mais precisássemos sentir a mão fria de Jenson em nosso pulso... não ficaríamos mais sob a jurisdição de seu comitê de avaliação.

Teríamos permissão de viver exatamente como éramos: Eva e Addie, Addie e Eva. Duas garotas dentro de uma.

Capítulo 1

A cabine telefônica estava abafada, mesmo com a porta entreaberta. Nosso desejo de privacidade não conseguiu superar o enjoo que nos atacou no espaço pequeno e fechado. Guimbas de cigarro cobriam o chão, espalhando seu cheiro de fumaça no ar do começo da manhã.

Não deveríamos fazer isto, falei.

Não deveríamos nem estar na rua. Tínhamos saído de fininho do apartamento antes de Emalia e Kitty acordarem, e também precisávamos voltar antes disso. Ninguém sabia onde estávamos, nem mesmo Ryan ou Hally.

Addie pressionou o fone contra nosso ouvido. O tom de discagem zombava de nós.

O governo deve estar esperando algo assim, falei. Peter disse que colocaram escutas na nossa casa. Vão rastrear a ligação. E não estamos longe o bastante do apartamento. Não podemos colocar os outros em perigo.

Nossa mão livre enfiou-se no bolso e se fechou ao redor do chip que Ryan nos dera antes de chegarmos à Nornand. Ele tinha conectado nós dois durante o tempo que passamos na clínica. Por hábito, o esfregávamos entre os dedos como um amuleto.

Ele faz 11 anos hoje, disse Addie em um tom suave.

Lyle estava completando 11 anos. Nosso irmão mais novo.

Na noite em que o Sr. Conivent apreendeu Addie e eu, Lyle estava no hospital, fazendo uma das sessões de diálise que tinha três vezes por semana. Ao contrário de nossos pais, ele não teve como opinar em nossa partida. Não pudemos nos despedir dele.

Seria apenas uma ligação. Algumas moedas na fenda. Dez números. Tão rápido. Tão simples.

Oi, Lyle, imaginei dizer. Visualizei seu cabelo louro pesado, seus braços e pernas magros, seu sorriso de dentes tortos.

Oi, Lyle...

E depois? *Feliz aniversário. Feliz aniversário de 11 anos.*

Na última vez que desejara *feliz aniversário* a Lyle, que dissera essas palavras em voz alta, ele estava fazendo 7 anos. Depois disso, eu tinha perdido a força para fazer mais que observar Addie falar por mim. Eu havia habitado um corpo que não podia controlar, um fantasma em uma família que não sabia que eu existia.

O que se diz depois de passar quatro anos assim?

Pensar no que eu diria a minha mãe era ainda pior.

Oi. É a Eva. Eu estava presente o tempo todo. Estava presente durante todos aqueles anos e você nunca soube.

Oi. É a Eva. Estou bem... acho que estou segura. Você está bem? Você está segura?

Oi. É a Eva. Eu queria estar em casa.

Oi. É a Eva. Amo você.

Eu conseguia ver minha mãe com tanta clareza que doía: os ângulos de seu rosto, as rugas de risada, e as rugas mais profundas na testa que não tinham sido formadas por risadas. Eu a via no uniforme de garçoneite: calça preta e blusa branca, em contraste com o cabelo sedoso cor de milho. Addie e eu sempre tínhamos desejado um cabelo como o dela, tão macio e liso que deslizava entre nossos dedos. Mas tínhamos os cachos de nosso pai, soltos e sem graça. Cabelo de princesa, dizia ele quando éramos pequenas o bastante para subir em seu colo, sentindo o cheiro de seu creme pós-barba, implorando por histórias que terminassem em *Felizes para sempre*.

Eu queria tanto saber como estava nossa família. Muito podia ter acontecido nos quase dois meses desde que Addie

e eu havíamos dormido em nossa cama pela última vez, acordado olhando para nosso próprio teto pela última vez.

Será que Lyle conseguira o transplante de rins que nos tinham prometido, ou ainda estava acorrentado às sessões de hemodiálise? Será que nossos pais sabiam o que tinha acontecido conosco? E se pensassem que ainda estávamos na clínica, sendo *curadas* do hibridismo?

Isso era melhor ou pior do que saber a verdade? Um mês e meio antes, Addie e eu tínhamos fugido da Clínica de Saúde Psiquiátrica Nornand. Devíamos ter levado todos os outros pacientes conosco. Mas falhamos. No final, ficamos apenas com Ryan e Devon, Hally e Lissa, Kitty e Nina. E Jaime, claro. Jaime Cortae.

Agora estávamos nos escondendo à margem da sociedade, abrigadas por Peter e sua resistência de híbridos. Éramos as fugitivas sobre as quais ouvíamos na aula de governo. As criminosas cuja prisão aparecia em todos os noticiários. Porque eles sempre eram presos no final.

Será que meus pais gostariam de saber disso?

O que fariam se soubessem? Atravessariam correndo o continente para nos levar para casa? Eles nos protegeriam, como não tinham protegido antes? Pediriam desculpas por terem cometido um erro terrível ao nos deixar ir?

Talvez simplesmente nos entregassem outra vez.

Não.

Eu não aguentava pensar que eles podiam fazer isso.

Eles vão ajudá-la a ficar bem, Addie. Disse-me meu pai quando nos ligara na Nornand. *Sua mãe e eu só queremos o melhor para você.*

Peter tinha nos alertado de que o governo podia grampear nossas linhas telefônicas. Talvez nosso pai soubesse que alguém podia estar escutando a ligação na Nornand e tivesse precisado dizer o que eles queriam ouvir. Talvez aquelas palavras não fossem sinceras.

Porque não foi isso o que ele sussurrou quando Addie e eu entramos no carro do Sr. Conivent.

Se você estiver aí, Eva... se estiver mesmo aí... Eu amo você também. Sempre.

Sempre.

Addie, falei.

A faca da saudade corta nós duas.

Só algumas palavras. Não podemos, falei. Addie, não podemos.

Não importava o quanto quiséssemos.

Como Addie não largou o fone, tomei o controle e fiz isso por nós. Addie não protestou. Saí para a calçada, e a cidade nos saudou com uma rajada de vento. Um carro que passava expeliu fumaça preta no ar.

Você acha..., hesitou Addie. *Acha que ele está bem? Lyle? Acho.*

O que mais eu podia dizer?

Esperei em uma faixa para pedestres em meio a uma pequena multidão que ia cedo para o trabalho, cada um mergulhado nos próprios pensamentos. Ninguém prestou a mínima atenção a Addie e eu. Anchoit era a maior e mais movimentada cidade que já tínhamos visto, e claro, vivido. Os prédios erguiam-se sobre as ruas, gerigonças de metal e concreto. De vez em quando, um deles era suavizado por uma fachada de gastos tijolos vermelhos.

Peter escolhera Anchoit pelo tamanho. Pelo anonimato de suas vielas tranqüilas e ruas movimentadas. Carros, pessoas, pensamentos: tudo se movia rapidamente ali. Era muito diferente da velha e lânguida cidade de Bessimir, ou da quase estagnada Lupside, onde Addie e eu tínhamos morado antes.

Parecia que mais coisa acontecia em uma noite em Anchoit que em um ano em Lupside. Não que Addie e eu tivéssemos como saber. Desde que Peter nos levara da Nornand para lá, eu podia contar nos dedos de uma das mãos as vezes que tivéramos permissão de sair na cidade. Peter e Emalia não queriam correr nenhum risco.

Em Anchoit talvez fosse mais fácil esconder o que Addie e eu éramos: híbridas, fugitivas, anormais. Mas isso não mudava os fatos. Eu sonhava em percorrer as ruas com néon à noite. Em jogar e em comprar bobagens no calçadão. Em brincar entre as ondas novamente.

*Policia*l, disse Addie em voz baixa.

Nossas pernas se petrificaram. Demorei três estrondosas batidas do coração para me acalmar o suficiente e voltar a andar. Atravessei a rua para não precisarmos passar diretamente pelo policial.

Provavelmente, a presença dele não tinha nada a ver conosco.

Mas Addie e eu éramos um híbrido.

Por menor que fosse o risco, não podíamos corrê-lo.

Capítulo 2

O prédio de Emalia estava silencioso com exceção do zumbido das luzes no teto, que piscavam como vagalumes agitados. Um saco de lixo fedia no canto.

Peter havia juntado os refugiados da Nornand e os abrigado em seu apartamento pelo maior período que pode. Mas passava tanto tempo viajando quanto ficava em Anchoit, e eventualmente tínhamos sido separados. Kitty e Nina moravam conosco na casa de Emalia. Os irmãos Mullan estavam apenas alguns andares acima, com Henri, mas não era a mesma coisa.

O pior é que a Dra. Lyanne tinha levado Jaime para uma casinha nos arredores da cidade. Nenhum de nós o encontrava havia três semanas.

O apartamento ainda estava escuro quando entrei de fininho, com a sala de estar semi-iluminada pela luz fraca da manhã. Emalia e sua alma gêmea, Sophie, mantinham sua casa extremamente arrumada, decorada com suavidade. De um jeito estranho, o apartamento de Peter, que estava ausente com tanta frequência, parecia *nosso* lugar, *nossa* casa. Ali, Addie e eu nos sentíamos como intrusas em um santuário de suéteres de cores discretas e jogos americanos de tecido.

Então, disse Addie. Afundamos no sofá e fixamos os olhos no vaso de plantas de Emalia. Cada folha era meticulosamente arranjada. Até as plantas eram organizadas.

Então o quê?, deixei nossos olhos se fecharem levemente. Mal tínhamos dormido na noite anterior, desejando nos certificar de que estaríamos acordadas a

tempo para sair escondidas. Quando a adrenalina passou, a falta de sono pesou em nossos membros.

Addie suspirou.

Então, o que vamos fazer agora? O que vamos fazer hoje? O mesmo que fazemos em todos os outros dias, acho.

Kitty e Nina passavam a maior parte do tempo enroscadas diante da TV assistindo a qualquer coisa que estivesse passando: desenhos animados no sábado de manhã, novelas diurnas, notícias esportivas à tarde, até mesmo programas de entrevistas que passavam tarde da noite quando elas não conseguiam dormir. Hally e Lissa olhavam pelas janelas, ouvindo a música que saía dos rádios dos carros.

Ryan preenchia seus dias fazendo coisas. Quinquilharias, em geral, montadas com ferramentas que ele pegava emprestado com Emalia ou Henri. Emalia não ficava mais surpresa ao chegar em casa e encontrar um objeto que servia de saleiro e pimenteiro, alternando entre os temperos ao se pressionar um botão, ou alguma outra invenção vagamente útil.

E Addie... Addie tinha voltado a desenhar. Esboçou Kitty no sofá, capturando o suave arrebitado de seu nariz, seus grandes olhos castanhos. Pegou o reflexo da luz nos óculos de Hally e passou uma hora aperfeiçoando o caimento de seus cachos, alguns caracóis soltos, outros que não passavam de ondas escuras.

Era bom ver Addie desenhando outra vez. Mas depois de tantos dias, não aguentávamos mais ficar presas em casa.

— Ah! — disse uma voz atrás de nós. Era Emalia, enrolada em um cardigã rosa e uma blusa creme. Estava suave e neutra como a alvorada. Seu sorriso era confuso. — Não sabia que você tinha acordado...

Ela não disse nada, mas a pergunta pairou entre nós: *Addie? Ou Eva?*

— Addie — disse Addie, pois demorei demais para responder. Então, claro, era ela. Ela nos levantou e se

apoiou discretamente nos calcanhares, chutando nossos sapatos para baixo do sofá. Eu ainda não tinha a mesma sensação de conforto despreocupado que Addie com nosso corpo.

— Acordou cedo — comentou Emalia. — Algum problema?

— Não. — Addie deu de ombros. — Só acordei e não consegui mais dormir.

Emalia atravessou a cozinha, que era separada da sala de estar apenas por um pedaço de bancada.

— São esses barulhos da cidade. Leva um tempo para nos acostumarmos com eles. Quando me mudei para cá, passei semanas sem conseguir ter uma boa noite de sono. — Ela apontou para a máquina de café com um ar questionador, mas Addie balançou nossa cabeça.

Emalia era meio viciada em cafeína, mas talvez fosse o esperado por causa de tudo o que ela precisava fazer: manter seu emprego normal, cuidar de nós e completar seu trabalho para a Resistência. Ainda forjara nossos novos documentos, imprimindo certidões de nascimento para pessoas que nunca haviam nascido, colocando nosso rosto em vidas que jamais tínhamos vivido.

Agora eu a associava ao cheiro forte e agridoce de café. Na primeira vez que víamos Emalia, seu cabelo nos lembrara vapor: vapor no tom de cappuccino, ondulando-se ao redor de suas bochechas claras, chegando pouco abaixo do queixo.

— Você também acordou cedo — disse Addie.

— Vou ao aeroporto hoje. O voo de Peter chega em algumas horas.

— Ninguém nos contou que Peter estava de volta. — As palavras saíram mais ansiosas do que eu tinha esperado. Talvez mais ansiosas que Addie pretendia.

As mãos de Emalia se imobilizaram.

— Bem, foi... foi meio inesperado. Aconteceu uma coisa, então ele pegou um voo cedo. Desculpe. Não sabia que

— você queria ser avisada.

— Eu quero — disse Addie, rápido demais. — Mas tudo bem. Digo...

— OK, no futuro vou... — concordou Emalia.

As duas se entreolharam, constrangidas.

— Kitty me mostrou seu novo desenho ontem. — As finas pulseiras douradas de Emalia tilintaram quando ela esticou a mão para pegar a caixa de cereal. — Ficou lindo. Você é uma artista fantástica, Addie.

Addie colou um sorriso em nossos lábios.

— Obrigada.

Emalia sempre nos elogiava assim. *Seu cabelo fica tão lindo em um coque*, dizia ela, ou *Vocês têm olhos lindos*. Cada um dos desenhos de Addie, até os rascunhos que ela fazia para divertir Kitty, recebia um aplauso verbal.

Em troca, também tentávamos elogiar Emalia. Não era difícil. Ela usava delicadas sandálias dourado-claras e blusas rosa-suave. Sempre encontrava os deliveries mais interessantes, chegando em casa com caixas brancas de isopor de todos os cantos da cidade. Mas nossas conversas com Emalia nunca passavam disso. Nosso vocabulário se resumia a comentários sobre o tempo, saudações educadas e leves sorrisos, tudo sustentado por uma sensação de Não Saber Exatamente o Que Fazer.

Emalia só abrigara outro fugitivo híbrido uma vez, uma garota de 12 anos que ficara três semanas ali antes de Peter lhe encontrar uma família mais permanente no sul. Emalia tinha uns 25 anos. Ela e Sophie haviam conseguido passar todos esses anos escondidas, escapando à internação. Elas e Peter conheceram-se quase por acaso.

Talvez fosse por isso que Emalia agia como se não soubesse como lidar conosco. Como se fossemos quebrar caso a pressão se tornasse muito grande.

Addie se encostou contra a bancada.

— Quando vai ser a reunião?

— Com Peter? Amanhã à noite. Por quê?

— Quero ir.

Emalia despejou um pouco de cereal em uma tigela, com um sorriso hesitante.

— Vai ser no apartamento de Peter, Addie. Como sempre.

— Não chega nem a ser uma caminhada de cinco minutos.

— Você não deve ser...

— Será noite. Ninguém nos veria. — Addie fixou nossos olhos na mulher. — Emalia, preciso falar com ele. Quero saber o que está acontecendo.

A ala de híbridos da Nornand fora fechada, mas seus pacientes tinham sido mandados para outro lugar em vez de libertados. Peter prometera que trabalharia para resgatá-los. Mas, se algo havia sido feito, Addie e eu não sabíamos.

— Vou te contar qualquer coisa que você queira saber — disse Emalia. — E tenho certeza de que Peter vai passar aqui em algum momento.

— É uma caminhada de cinco minutos — repetiu Addie. — Uma caminhada de cinco minutos no *escuro*.

A máquina de café apitou. Emalia correu até ela.

— Vou perguntar a Peter quando o vir. Que tal? Vou avisar a ele que você quer muito ir, e veremos o que ele diz.

Ela só está tentando nos calar, falei, e sabia que Addie concordava.

Mas em voz alta ela se limitou a murmurar:

— Tudo bem.

— Tudo bem. — Emalia sorriu e assentiu para o bule de café. O aroma, em geral forte e reconfortante, deixou-nos meio enjoadas. — Tem certeza de que não quer um pouco? E bom beber algo quente quando a manhã está gelada.

Addie balançou a cabeça e virou as costas.

Estava gelado lá fora. Não íamos lá para fora.

Capítulo 3

Addie e eu tínhamos voltado para a cama e estávamos aninhadas em um travesseiro, quando Emalia saiu para o aeroporto. Oscilamos entre vigília e sonhos, as arestas do mundo se desgastaram.

A batida na porta da frente nos arrancou do sono. Addie se levantou de repente, checando automaticamente Kitty e Nina. Elas ainda estavam dormindo, tão enroscadas sob o cobertor que mal conseguíamos ver seus olhos.

Bateram outra vez. Vi de relance a luz vermelha na mesa de cabeceira, onde Addie deixara nosso chip antes de se jogar na cama. Tinha um brilho uniforme, indicando que seu gêmeo estava próximo.

É só Ryan, sussurrei.

Precisávamos ficar calmas. Não podíamos continuar assim, temendo que cada batida na porta fosse alguém chegando para nos levar embora.

Não precisei pedir a Addie para me passar o controle. Tomei conta de nossos membros quando ela os liberou, correndo para a sala de estar e abrindo a porta da frente.

A luz do sol da manhã refletiu-se na pele de Ryan, conferindo-lhe um brilho semelhante a um dourado queimado. Seus cachos escuros arrepiavam-se de um jeito que zombava da gravidade. Ele estendeu a mão como se fosse tocar nosso braço, roçar os dedos em nossa pele. Não o fez. Sua mão caiu de volta para a lateral do corpo.

— Não sabia se vocês ia estariam acordadas tão cedo.

— Não conseguimos dormir — falei.

— Estamos de férias. — A ironia contorceu o sorriso de Ryan. — Deveríamos estar dormindo até tarde.

Eu o puxei para o sofá. Ele tinha trazido um saquinho de papel, provavelmente contendo outra invenção, e o colocou no chão ao lado de seus pés.

— Bem, faltamos a todas as provas finais — falei.

A diversão de Addie coloriu o espaço entre nós. Isso me relaxou um pouco. Quando estava com Ryan, conversava com Ryan, eu sempre ficava atenta ao humor de Addie.

Ryan riu.

— É isso o que tira seu sono?

— Você deveria estar preocupado — falei, fingindo solenidade. — Vai ser veterano no próximo semestre. Logo vai começar a se inscrever em faculdades.

O sorriso dele sumiu, e eu estremei. Ryan e Devon *deveriam* se inscrever em algumas faculdades em breve. Mas já seria um milagre se nos colocassem em uma sala de aula no outono. Mesmo que Peter e os outros chegassem à conclusão de que era seguro nos deixar sair do prédio, havia mais coisas a falsificar: registros de vacinação, históricos escolares...

Além do mais, para onde iriam? Havia uma faculdade no centro, mas era só isso. Sem dúvida seria perigoso demais mandá-lo para outro lugar sozinho.

— Então acho que vou ter de repetir o ano. — Ryan deu de ombros com o mesmo jeito preguiçoso e exagerado com que sorriu. Ele olhou para mim com o canto dos olhos. — Ter a mesma idade do resto da turma pelo menos uma vez.

Nossos ombros relaxaram. Eu ri, me inclinando na direção dele.

— Ah, que horror.

Por um instante, ficamos apenas Ryan e eu, olhando um para o outro. Uma quietude. Trinta centímetros entre nós. Trinta centímetros de sol da manhã, da crescente inquietude de Addie e do barulho do trânsito quatro andares abaixo. Ele teria levado um segundo para transpor aquela distância. Eu teria levado menos tempo. Mas os 30

centímetros se mantiveram. Trinta centímetros de distância, preenchidos com todas as razões para não podermos.

Então bateram na porta outra vez.

— Hally? — perguntei a Ryan, franzindo a testa. Ao contrário dos irmãos, Hally e Lissa não tinham o hábito de acordar cedo. Já eram quase 8 horas, o que significava que continuariam dormindo por, no mínimo, duas ou três horas.

Ryan se levantou, mas fez um gesto para que eu continuasse sentada. Antes que ele conseguisse dar um passo em direção à porta, alguém gritou:

— Sou eu, gente. Abram para mim.

Não era a voz de Hally, mas mesmo assim era familiar. Ryan me olhou com um misto de alívio e exasperação, depois atravessou a sala para abrir a porta.

— Oi, e aí?

Jackson entrou. Ao longo do tempo, eu tinha aprendido a diferenciar Jackson e Vincent, ou Vince. Descobri os traços sutis que separavam as duas almas apesar de possuírem o mesmo corpo desengonçado, o idêntico cabelo castanho desgrenhado e olhos azul-claros. Vince era quem me fazia corar. Que parecia sempre estar zombando de mim, de todo mundo. Que nunca ficava sem piadas. Talvez fosse por isso que ele e Jackson estavam sempre sorrindo.

Mas aquele era Jackson. Eu tinha certeza. O jeito que olhou para mim e Addie deixou isso claro, como se não estivesse apenas *olhando*, mas estudando. Como se mais tarde fosse haver um teste sobre Addie e Eva Tamsyn, e ele quisesse se sair bem.

Ele nos visitava com frequência desde nossa fuga, agindo como guia de turismo em nossa vida nova. Fora por intermédio dele que tínhamos descoberto sobre o passado de Emalia, Peter e Henri.

— Oi, Jackson — falei, e fui recompensada com um sorriso.

Jackson e Vince eram familiares e inofensivos. A garota que entrou em seguida era uma estranha.

Era um pouco mais velha que Jackson, devia ter uns 19 anos, com olhos escuros, grossos cabelos castanhos e uma franja longa e sem corte. Uma jaqueta jeans desbotada caía volumosa sobre os ombros estreitos, engolindo sua silhueta de dançarina. Jackson abriu a boca como se fosse apresentá-la, mas ela foi mais rápida.

— Meu nome é Sabine. — Ela estendeu a mão. Seu sorriso suavizou parte da formalidade do gesto, mas não toda. O aperto de mão foi frio e firme. Mais forte que eu esperaria de alguém pouco mais alta que nós.

Fazia semanas que não conhecíamos ninguém novo. Era inevitável fixar os olhos nela. Analisando tudo, desde o botão dourado que faltava em sua jaqueta aos arranhões nas sapatilhas de balé turquesa. Suas unhas eram muito curtas, mas lisas, não parecia que tinham sido roídas.

Pare com isso, disse Addie. Ela sabe que você está encarando.

Desviei os olhos, mas era tarde demais. O olhar de Sabine cruzou com o nosso, e ela sorriu. Mas não de uma maneira aviltante. Gentilmente, como se ela entendesse.

— Josie e eu já vimos vocês por aqui — disse ela. — Quando ainda estavam na casa de Peter.

Josie e eu. Josie e Sabine, então... as duas almas que compartilhavam aquele corpo. Eu ainda não me acostumara à forma tranqüila com que os híbridos se referiam a si mesmos ali. Claro, eles só faziam isso em particular, entre outros membros da Resistência, mas falar os nomes em voz alta parecia um risco enorme.

— É Eva e Addie, não é? — disse Sabine. — E Ryan e Devon? — Ela voltou-se para ele. — Fomos até sua casa, mas ninguém atendeu a porta. Jackson tem falado sobre suas invenções. Parecem incríveis. De qual você estava falando ontem, Jackson? O relógio...

Ryan interrompeu Sabine com um sorriso incomodado.

— É só brincadeira. Para matar o tempo.

— Imaginei que estivessem entediados. — Ela deu uma olhada no apartamento, como se pudesse folhear os dias que tínhamos passado ali com tanta facilidade quanto eu folheava o bloco de desenhos de Addie. — Todo mundo passa por isso quando foge. É como uma quarentena. Mas vocês estão planejando ficar, não é?

— Ficar? — perguntou Ryan.

Sabine assentiu.

— Em Anchoit, digo. Vão deixar Peter mandá-los para outro lugar?

— Não — respondi rapidamente, e olhei para Ryan. — Não se isso significar nos separarmos.

— Provavelmente significaria — disse Jackson. — Peter e os outros têm conexões com famílias simpatizantes em uma rede bastante ampla, mas são espalhadas. Duvido que consigam colocar vocês todos na mesma área. Ainda mais porque... — Ele olhou para Ryan, depois deu de ombros, constrangido. — Bem, você sabe.

— É — disse Ryan. — Eu sei.

Arranjar um lugar para Ryan e Hally significaria encontrar uma família com aparência semelhante à deles. Eles eram apenas meio estrangeiros, por parte de pai (e seu pai nem era *realmente* estrangeiro; tinha nascido nas Américas), mas isso ainda aparecia na cor oliva de sua pele, no formato das sobrancelhas, no tamanho e na profundidade dos olhos, na curva do queixo. Ao menos um dos membros de qualquer família temporária teria de se parecer com eles. Se uma família local adotasse uma criança estrangeira, atrairia mais atenção do que devia.

— Vamos ficar — falei.

Não podemos morar com Emalia para sempre, disse Addie.

Não seria para sempre. Só...

Ainda faltavam três anos para completarmos 18. Claro, Emalia não podia forjar documentos para nós dizendo o que quisesse? Poderíamos ter 18 anos em poucos meses se

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "[Cronicas Hibridas 2]Um Dia Existimos(...)" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).